

O PIRRALHO

400 rs.

A DESFORRA DE MINAS



JUDITH E HOLOPHERNES



A FELICIDADE

Sociedade Mutua de Peculios por **NASCIENTOS, CASAMENTOS e MORTALIDADE**

Approvada e autorizada a funcionar em toda a Republica pelos decretos Ns. 10.470 e 10.706

PECULIOS PAGOS MAIS DE 350:000\$000

Todos os que se inscreverem até 31 de Deembro de 1914, nas séries de casamento receberão os peculios *um anno* depois da inscripção.

Depois da inscripção os mutualistas podem casar quando quizerem.

Quem se inscrever nas séries de *nascimento*, até o fim do corrente anno, será chamado *10 mezes* depois da *inscripção* e receberá de *uma só vez* o pecalio que lhe couber.

O nascimento pode dar-se em qualquer tempo.

Todo o socio que propuzer outro para a sua série terá a seu credito a importancia de *cinco* contribuições. Depois de completas as séries, por cada oito chamadas feitas, a sociedade dispensará as contribuições dos mutualistas para as *duas* chamadas immediatas.

Séde Social: RUA S. BENTO N. 47 (sob.) - Caixa Postal, U - Telephone, 2588

SÃO PAULO

QUEREM A FELICIDADE?

■ ■ ■ NADA MAIS FACIL!

E' em S. PAULO, á Rua S. Bento N. 28 — Caixa Postal, 1062

Agencias em todo o Brazil — Succursal no RIO á Rua Marechal Floriano, 15 — Caixa Postal, 697

ALCANÇA-SE ISTO INSGREVENDO-SE O MAIS BREVE POSSIVEL NA

“CAIXA DOTAL DE S. PAULO”

Approvada e auctorisada pelo Decreto N. 10996, do Governo Federal

Esta caixa constitue dotes para Casamentos, Nascimentos e tem uma Secção de Seguros contra Fogo

A tabella para essas séries é:

CASAMENTOS	NASCIMENTO
<p>Serie A — 2:000\$000 Joia . 1:0\$000 — Contribuição para cada casamento 1\$000 — Sello e diploma 4\$000.</p> <p>Serie B — 5:000\$000 Joia . 50\$000 — Contribuição para cada casamento 2\$500 — Sello e diploma 5\$200.</p> <p>Serie C — 10:000\$000 Joia . 100\$000 — Contribuição para cada casamento 5\$000 — Sello e diploma 6\$300.</p> <p>Serie D — 20:000\$000 Joia . 150\$000 — Contribuição para cada casamento 10\$000 — Sello e diploma 7\$400.</p> <p>Serie Especial — 50:000\$000 Joia . 500\$000 — Contribuição para cada casamento 30\$000 — Sello e diploma 15\$100.</p>	<p>Serie I — 2:000\$000 Joia . 20\$000 — Contribuição para cada nascimento 1\$000 — Sello e diploma 4\$100.</p> <p>Serie II — 5:000\$000 Joia . 50\$000 — Contribuição para cada nascimento 2\$500 — Sello e diploma 5\$200.</p> <p>Serie III — 10:000\$000 Joia . 100\$000 — Contribuição para cada nascimento 5\$000 — Sello e diploma 6\$300.</p>

A pedido inviamos estatutos e prospectos - **Prodigios do Mutualismo!!**

S. Paulo, 14 de Novembro de 1914

Numero 161



Semanario *Ilustrado*
de Importancia

: : : : : *evidente*

Redacção
RUA 15 DE NOVEMBRO, 50-B

Caixa do Correio, 1026

Cahe o panno

Depois de quatro longos annos de captiveiro ignominioso, porque o governo Hermes nada mais fez sinão espezinhar e aviltar o povo, depois de quatro annos de violencias e humilhações, crimes e attentados, chegou finalmente a hora das reivindicações.

Amanhã o marechal e os seus companheiros deixarão o tablado, e o povo, que assistiu, agrilhoado e vilipendiado, a todas as scenas aviltantes, deste governo, ao vêr cahir o panno romperá em gritos de reprovação, em imprecações violentas e gestos condemnatorios, em vaias e assuadas, em clamores e brados execratorios, em explosões tremendas de vingança, em apostrophes irreprimiveis de maldicção contra o pacovio tarimbeiro e os sacripantas que o cercaram, secundando-o valorosamente na sua obra de exicio e aviltamento!

Quem desrespeitou as leis e os bons costumes, quem zombou dos tribunaes e desprezou o Direito, quem escarneceu do Congresso e affrontou a Justiça, quem amordaçou a imprensa livre e independente e ludibriou o povo, quem abriu as portas do Cattete a cavadores desclassificados, gamenhos lórpas e chichisbeos de pacotilha, quem fez emfim um governo vergonhoso, não póde «sahir nos braços do povo e coberto de flores», mas sim escabujando vilmente, achincalhado e maldicto.

Amanhã ao cahir do panno o marechal ouvirá a sentença condemnatoria que o povo proferirá unanime e vibrante.

Que ella sirva de lição a futuros governantes.

COISAS DA RUA

Um dia, elle partio para o sonho e para a vida...

Soffreu muito. Uma manhã, num gesto brusco de quem se desinvencilha de terrivel canga que o destino inelmente lhe pegou aos hombros, elle se libertou e partio...

Era o espectro da vida morta, era a ossada de um passado, era a figura evocativa da saudade.

Elle partio para o sonho e para a vida...

Tudo as suas mãos nervosas quebraram n'uma crispação desesperada de super-excitação e desespero. Os élos affectivos mais fortes, as ligações d'aço que o prendiam na vida aos que lhe eram caros, tudo, tudo se partio á força irresistivel do seu soffrimento.

E elle quebrou tudo, libertou-se e partio...

A vida e o sonho eram as duas linhas da bitola do seu viver. Sonhar e viver era a sua vida.

Pobre, faminto quasi, quando uma dôr muito forte o cruciava, quando um relampago de soffrimento lampejava na sua apavorante desilluzão, era isso para elle a prova real da sua vida. Elle não dizia como o philosopho, penso, logo existo, mas dizia, soffro, logo vivo. E nesse instante, encarando a dôr, como a resultante natural da vida, elle entregava-se ao sonho, que era o balsamo para o seu soffrer. E sentava-se no lar, sonhando e bebendo, misturando aos vapores do alcool, o seu soffrer, formando assim a doçura do seu sonho.

E elle cumpria assim o destino que elle mesmo lhe traçára, de partir para a vida e para o sonho.

A vida, era a dôr; o sonho era o prazer. O sonhar destruia o viver...

E elle partio...

Às vezes, de macambuzio que elle estava, um sorriso lhe illuminava o rosto, deixando-o muito sereno e doce, e elle começava então a evocar o seu passado, sorrindo nò deslumbramento do seu sonho.

Elle via então os carinhos do lar que teve, os sorrisos de amigos, a vida faustosa, os doces beijos de amante, as festas e os folguedos, o luxo e o conforto; elle via toda a sua vida de atraz e com isso elle apagava a sua vida agitada de dores...

Só uma lembrança, no seu sonho, fazia-o mais soffrer: era uma visão de mulher, amou e foi desgraçado, amou e partio para a vida e para o sonho...

Um dia... veio a guerra dos inimigos com a sua patria. Foi para elle a ventura; partio para o combate como voluntario.

Passaram-se sobre a terra os dias. O bravo soldado voluntario, resolvido a encontrar na guerra a morte, cada vez mais se firmava no conceito dos seus camaradas de armas, pelos seus indomaveis actos de bravura.

E o soldado de victoria em victoria, fazia a guerra conquistando dia a dia, medalhas e postos.

Um dia... quando o final de uma batalha decisiva deu ganho de causa a sua patria, elle, com o peito reluzente de medalhas e com o braço envolvido de galões, recebendo a saudação calorosa, em vóz alta, do seu generalissimo, teve um gesto brusco: meteu a mão no bolso interno da sua bluzza, arrancou delle um retrato, beijou-o ardentemente, sacou do revolver, disparou um tiro na cabeça e tombou cadaver.

E dizem hoje, que nesse logar, um coração piedoso de mulher, todos os dias vae chorar...

E assim, quem não teve em vida o affecto que sonhou, tem na morte as lagrimas de quem o fez soffredor e heróe.

E elle não se matou por covardia... Venceu e morreu.

E foi assim que partio, para a vida e para o sonho...

MARCUS PRISCUS.

As reintegradoras

Não pode passar sem os nossos francos applausos a campanha moralisadora em que está decididamente empenhado o dr. Eloy Chaves, illustre Secretario da Justiça.

Trata-se de prohibir o funcionamento de certas companhias, que com programmas apparatusos, promettendo mundos e fundos, procuram engazopar os papalvos e explorar a boa fé dos inexperientes.

A acção do dr. Eloy Chaves no sentido de reprimir as trapaças tem sido energica e rigorosa e temos certeza de que s. excia proseguirá tenazmente até exterminar de vez o commercio illicito desses papa-nieks em ponto maior.

O *Pirralho* sempre prompto a secundar todo e qualquer acto de moralisação, applaude calorosamente a campanha que está sendo movida pelo Secretario da Justiça.

Uma velha paineira do meu quintal contou-me hontem, com voz cansada de avózinha, impressões da sua vida.

Nos meus galhos muitos amores alados nasceram, vi construir tanto ninho que já não me lembro o numero e a grande alegria do avó que corria pelo meu velho tronco quando ouvia o pipiar dos novinhos. Ingratos todos se foram apesar do meu grande amor.

Tremia a voz da velha paineira quando assim fallava.

Só um sabiá, um triste e solitario sabiá conservou-se-me fiel.

N'um dia de tristesa, ao pôr do sol, elle veio cantar a saudade da companheira morta!

Assim fez até morrer. Não tenho mais amigos. Porque não vens, como outróra, com a tua amada beijar-te á minha sombra?!

Conservo ainda as tuas iniciaes. De facto as nossas iniciaes brilhavam ainda.

Emocionado e saudoso contei a velha paineira a tua inconstancia.



O poeta caipira Cornelio Pires

Felizmente a grande orgia
Vae devéras terminar:
Pois falta apenas um dia
P'r'o Hermes *desinfectar*...

Para um olhar de santa

Quando os meus olhos pouso no teu olhar, cheio de ternuras e sorrisos doces, recordo-me de crepusculos suaves e misticos em quo a natureza canta um hymno de misericordia que nos enche de perdão e nos faz melhores do que somos!

Penso nas santas cruces, á beira das estradas, a receberem, de braços abertos, as longas procissões que vêm, pelas noites de luar, perturbando o silencio das paysagens, recitando preces, clamando para o céo misericordia, a pedir agua para as plantações!

Em amplas enfermarias onde outros olhos piedosos derramam, em coifas brancas a acariciarem pallidas faces de doentes!

Em mão de brancura translucida a afagarem figurinhas roseas coroadas de sól, no riso branco das creanças, nas arvores a estenderem sombra amiga para os viandantes!

Quando vejo os teus olhos penso ter sandades do paraíso perdido!

O Hermes quando creança era muito moleque e vivia na rua. Sua mãe sempre que presisava delle mandava a creada procural-o no meio da molecada. A creada ao avistal-o gritava sempre: Vem cá Dudú, vem cá Dudú, tua mãe está te chamando...

D'ahi a musica que todos conhecem.

O conflicto em São Paulo



Brotero: — Não ataquem! É a cultura allemã

AS CARTAS D'ABAX'O O PIQUES

A vita, a paxó i a morte du Hermeze.

A VITA

U Hermeze nascê nu Bó Ritiro nu animo di milaottocentoquaranta, vinte quattro minuto disposa da mezzanotte, c'oa çistenza da Natalina Rossatti i do dott. Jota Jota. Furo os paio delli o signore Diodóro Hermeze i a signóra Catterina Hermeze, tuttos dois napuletano naturale di Anapule.

Desdi pichininigno che illo già si fui arivelando un aguia, indisgraziato, da fazê invegia p'ru Juó Lagio co Giangote.

S'imagina che cos dois anno di indadi illo già iva tuttos di arubá doçe nu buttighino du Xico.

Ero o mulecco maise disordièrè du Bó Ritiro.

Una casió illo urganisò un battaglió di brigadèra lá nu Bó Ritiro p'ra aprendê as mulecada.

Io ero o gornetièrè i o Curlano di Freta-se o guzignèro do bataglió.

Ma quano fui un di o Piedadó iva apassáno molto açuçegadamenti c'os livro d'imbaxo dos braecio pur causa di i inzima da scuola, máaóro o Hermeze mandô o batalhó aprendê elli chi també èro ingomandanti do inzercito di mulecada du Bó Ritiro.

Cunformo a ordine du Hermeze noi si dexámo prendê elli, ma quano surtemos elli, porca miseria! illo fui dirittigno abuscà o bataglió delli i fize-moses una brutta brighia. O Piedadó agiugó una brutta pedra ingoppa a gabeza du Hermeze i quibrô a gabeze delli.

Intó fumos tuttos d'inda a gaza du Piedadó dà parti p'ra màia delli che prigò una brutta sóva co gabo di vassóra inzima d'elli.

Cos otto annos di indade o Hermeze fui mandado da scuola má non stive lá nè ottos meze i già fui spursado pur causa di sê molto burro.

In ottos meze illo non fui gapazo di prendê a cuntá nè os numaro i nè scrivê o nomino delli.

Con dieciottos anno de indade amatô o paio i a máia i p'ra non sê preso fugí p'ru Ri di Gianère i sentò praça inzima du inzercito.

Nu meie dus ingafagesti du inzercito fui che illo si incontrô nu elemento d'elli i fiz intó una briglianti garrèra. Di tanto dà lambida nas botta dus ficciali illo fui subino, fui subino i cos cinquantaquattro annos di indade fui nomiado maresciallo.

Disposa illo fui anumiado ministrimo da guerra nu governamente du dott. Affonso Penna.

Una veze che stavo n'un brutto porre, o Hermeze co Pignero Maxucado i o Giangoto, chi è ti delli, o Hermeze alembro a ideia di sê o Prisidente du Brasile!

O Giangote co Pignero Maxucado, inveiz di tirá as carça delli i prigà o ginèllo inzima delli, inveiz nó! pur causa chi o Pignero co Giangote també só duos çaçino i ladró di gallinha.

Aóra o Pignero apriguntô p'relli:

— O chi è chi vucê mi dà?

— Io ti dó a camera dos indisputado i a camara du senato!

— Stá fetto! toque!!

Intó si apertaro-se as mó i ficô ingombinado.

Disposa vignô o Giangotte i apriguntô també p'relli:

— I p'ra mim o chi é chi vucô mi dá!?. . .

— P'ra vucê io dó o tisôro nazionalo i una gadèra di disputádo!

— Tambê stá fetto! toque!!

Disposa di afazê ista infame ingombinaçó illo fui aprarlá també co Affonso Penna; ma o Affonso Penna chi non éra bandito come illos, xamó o portière i mandô tucá u Hermeze p'ra fóra du pallazzo. Intó o Hermeze venno chi non cavava pur bê, çaçinò o Affonso Penna i dista maniera fui inle-gido gandidato p'ra presidentimo.

Fazino inda maise una arubaglièra na inleçó illo fui afinarmente fazido o presidentimo.

O guvernimo di çaçinatos i di gatunagio chi illo tê fazido tuttos munno sabe.

A PAXO'

Quano già faceva un anno chi o Hermeze stava inzima u guvernimo, fizéro una brutta vesta da a Bascoa in Petropoli i illo fui ingonvidato. Intó quano xigò di notte illo si dexò butá a gazaka i fui p'ra a vesta. Xigáno là, illo s'incontrò co a Nairia di Tefé i aóra accendê una brutta paxò inzima o goraçó delli. A Nairia també pigó di anamurá c'oelli, e si acasaro.

A MORTE

O Hermeze é un sugetto sê valore nisciuno pissoalo! O unico valore che illo tenia cra quello da sê u prisidentimo, ma, manhá illo vâ dixà di sê o prisidentimo i aí che io quero vê! Aquillos pissoalo chi adulava elli né à di inxergà maise elli! . . .

Bê fetto!

JUÓ BANANÈRE.

No seio do abandono

(A LIACONCY)

Ha quanto tempo peno em ríspido tormento
Por vel-a me fugir e humilde não seguil-a,
Pensando quo, talvez, feliz fosse o momento
Do nós podermos ter a vida mais tranquilla.

Faz tanto tempo, faz, no entanto inda scintilla
Na luz do meu olhar o seu olhar attento!
E quanto mais tiral-o eu busco da pupilla,
Mais elle mo fulmina e pœ-me em desalento.

De colera sorrí e mo despreza tanto
Que flúcido succumbo e prostro-me no chão,
Chorando de ponar, tristonho como um santo...

E ultrice ella mo onvia os risos máos, mosquinhos
Emquanto no meu peito oscilla o coração,
Ligado num collar de ehagas o de espinhos.

LUFERCIO DE ESCOBAR

— Onde é que fica a Arabia, marchal?

— Ora essa no mappa...

— Mas no mappa da Europa ou da Asia?

— Qual nada, no mappa da livreria Garnier! . . .

— Como é que se diz palavra de honra em francez?

Elle — *Mot d'honneur*?!



Nota Politica

A nota politica desta semana foi fornecida ao publico pelo tilintar das esporas de um general bilioso e pelo toque de reunir soado a bordo de nosso navio capitanea, chefiado por um almirante pouco brioso.

Qual a significação dessas duas reuniões militares?

Simplemente esta: a nevrose da desordem, a sede de vinganças.

Essa manifestação doentia desse militarismo que procura reter nas suas garras a imagem desventurada da Patria, nestes quatro annos, nada mais representa senão a recapitulação dos grandes crimes que banharam a Patria no começo do desastrado governo Hermes.

O general Souza Aguiar, o convocador da reunião de officiaes no quartel general do exercito, é o mesmo homem, responsavel pela dolorosa primavera de sangue que empolgou a alma nobre da inocidade brasileira, afogando no pranto o pulsar dos corações dos moços, o desabafar da juventude.

O almirante Garnier, o famulo do snr. ministro da Marinha, é o representante da marinha mórbida, chefiada

por Marques da Rocha, o Nero da Ilha das Cobras, que, com essa epopea de sangue aviltou a Patria e enxovalhou a Republica.

O caso do «Satelite» essa horrorosa mancha da nossa democracia, esse retrocesso da nossa civilização não é por acaso fructo da alma sanguinaria desses officiaes de marinha que como o almirante Garnier, representam a corrente rubra no seio da honrada e digna classe armada?!...

Rememorados, com amargura, estes tristes factos da nossa historia republicana, está explicada a significação dessas intempestivas reuniões militares em pleno periodo demoeatieteo-republicano.

Felizmente, o designio desses militares, não será eumprido.

A auróra de 15 de Novembro raiará trazendo nos, — á nós o povo — não só a liberdade, mas tambem a morte do militarismo mal comprehendido, a alma damnada deste quatriennio.

Neste instante então, a imagem da Patria rejubilante, ha de estar apontando a esses homens o ostracismo que a sua malvadez lhes conquistou.

D.



Conflagração Européa

O NOSSO "CONCURSO"

Attesta um grande successo, o resultado que hoje publicamos do concurso por nós aberto ha duas semanas.

Eis o resultado:

França	104 votos
Allemanha	93 »
Belgica	49 »
Inglaterra	70 »
Austria	12 »
Servia	40 »
Japão	2 »
Russia	6 »
Turquia	1 voto
Montenegro	1 voto

Continua aberto o concurso e como já o dissemos, presidirá a nossa apuração, a maxima lealdade e uma grande lisura.

Das nações envovidas no conflicto europeo, qual vos é mais sympathica?

TINO DIPLOMATICO ALLEMÃO



O grande estadista Guilherme II cavando a solidariedade do Brotero

“PIRRALHO” SOCIAL

Mlle C. C.

Folheie-se “Femina”, percorra-se a “Mode Illustrée” o vêr-se-á, em qualquer das flexíveis figurinhas de Soullié ou de Boutet de Monvel a mesma graça, o mesmo encanto que reflecte a silhueta moderna de m.lle C. C.

Da *coiffure* aos sapatos, é toda um harmonioso desalinho de côres, fôrmas e movimentos.

As volateis *robes persanes* em que costumadamente se esconde, m.lle C. C. sabe, com deliciosa languidez, emprestar esse tom *tout-à-fait rue de la Paix* que se manifesta nas attitudes descuidadas, no andar incerto de *moussmé*, ma malícia delicada do olhar, do sorrir, do falar.

Nos costumes, realiza o typo moderno da *snob*, da *blasée*. Avessa ás distracções pouco intellectuaes que o nosso meio acanhado offerece, prefere a encantadora perfilada de hoje a britannica delicia do *at home* e os bancos escolares da Normal. Entretanto, nada lhe falta para brilhar em qualquer salão que pise. Mas é que a Mlle. não passa desapercibido o saliente relevo que á belleza emprestam a modestia e a educação do espirito.



Mr. J. S:

« Amemos a Arte . . . Amemos a Arte como os mysticos se amavam em Deus . . . e diante desse amor, e diante desse amor empallideça

tudo . . . » E isso que Flaubert, o grande escriptor do « Salambô » e de « Madame Bovary » dizia sobre a Arte, o nosso perfilado tambem o diz, procurando sempre pôr em pratica tudo quanto idealisa no seu cerebro de artista consumado. Mr. é filho da bella terra napolitana, a cidade magnifica das serenatas e das canções apaixonadas, a lendaria terra do Vesuvio, o grande auxiliar na terra, do maldicto Eblis das fogueiras eternas . . .

E, talvez porque Mr. tivesse contemplado vezes varias esse spectaculo, horrivel e ao mesmo tempo bello, das linguas de fogo que das crateras saém, para se elevarem aos céos como as aguias e o pensamento, talvez, por isso, Mr., desde creança dotado de ardente temperamento artistico, dedicou os seus melhores esforços á grande Deusa, e aos seus pés depôz os lauros e os triumphos conquistados pelo seu talento de escôl. Lá mesmo, em sua terra natal, começou a enriquecer a Arte, tendo sido premiado, num grande concurso, o seu trabalho *Regina Madre*. Mr. veiu ha pouco para S. Paulo.

Ha dois annos que a Paulicéa, hospeda o grande artista, e aqui elle já se tem revelado um cultor fervoroso do Bello, nos varios monumentos trabalhados pelo cinzel finissimo que legou á nossa capital os bustos e as hermas do m.^{or} Francisco de Paula Rodrigues, do dr. Horace Lane, e, brevemente,

o do saudoso bispo, d. José de Camargo Barros. Alem desses, outros trabalhos de valor têm sahido das suas mãos, todos elles á altura de verdadeiros *chef-d'œuvres*. Não o conhecem ainda?

Mr. é *veramente un gentiluomo*, todo cortezia e delicadeza para os que com elle pri-

Os nossos instantaneos



No Largo de São Bento

LANTERNA MAGICA

A AMADEU AMARAL

Uma historia de Rei e de Rainha

Era uma vez, n'um paiz do lenda o de vida plethorica, que, por distracção do Jeoval, conservava em pleno seculo vinte, energias selvagens ao lado de decadencias *up-to-date*... era uma vez, uma princezinha.

A princezinha era morena, de grandes olhos negros, fina como uma haste do flor, esperta de temperamento e absurdamente aristocrata. Polas longas horas do dia, recebia as amiguinhas no seu molle salão azul enfeitado de *chinezarias* extravagantes.

E falava dos ultimos escandalos.

Um dia, teve tambem o seu.

Andava com a familia em viagem do instrueção como aconteco tambem aos navios-oscola.

E em Ostende, uma tarde, pola ostação, contam quo a mamã tinha a dcixado adiantar-se bastanto pelo braço viril de Osear de

Munster, quasi um principe, commandanto de lanceiros da guarda imperial.

E, por aquell'a pintura de praia, onde rodavam cyclistas ageis e grupos de creanças seguidas de graves governantes-1800'hiam conchas, havendo bem no fundo a cumplicidade d'um occaso bonito — elles se tinham deixado ir.

E viera a chuva de surpresa, uma chuva incapaz de perturbar a serenidade da marinha, dir-se-ia feita apenas para convidal-os a voltarem abrigados pela elegante galeria que borda o mar.

E dizem que, n'aquella galeria de Ostende, já bem antes da guerra, o loiro commandante prová a que o allemão de hoje é o mosmo gormano dos tempos de Tacito, capaz de ateriar deliciosamente patricias e princezas com inconveniencias do deus barba-o.

O facto é quo a mamã, que por instincto do sogra, tambem se abrigára á galeria, voltou muito indignada para o hotel, com a princezinha amuada, pelo braço, e o guarda-chuva torcido no cabo.

E no dia seguinte, zarrou a real familia pare o seu paiz do lenda e do vida p'ethorica.

No paiz do lenda e de vida plothorica, governava ent'o Balão I, rei em decadencia, calvo e clownesco.

vam. E' uma figura insinuante: olhos ardentes e vivos, nem alto nem baixo, falho de cabellos, (talvez por causa da grande lucta que tem tido na vida, e da qual tem sahido victorioso) e bigodes a *kaiser*, embora seja francophilo extremado. E... «*sta bene*» — dirá elle — sou francophilo porque pertença á raça latina. «*C'est une question de race*» — diremos nós...

Perdoe-me o grande artista o não poder traçar, com a impeccabilidade que requeria, o seu perfil sympathico. E' que, embora ame tambem a Arte, não sou um artista...

Os nossos instantaneos



No Largo de São Bento

M.lle não cumpriu a sua palavra. Prometteu a Mr. que estaria sem falta naquello einema chic do largo do Aroncho, e, não se sabe porque, não compareceu. Acaso M.lle, a graciosa *miss* de olhos negros, que reside alli pelas alturas de S.ta Cecilia, magnou-se com o seu amado? Ou, quem sabe, M.lle, querendo pôr á prova o amor de Mr., assim o fez, propositalmente? Pois M.lle não sabe o que perdeu. Mr., livre dos olhares de M.lle, vendo diante de si a amplidão vastissima, achou de bom aviso não perder o precioso tempo e, principalmente, o precioso dinheiro da entrada. E... vae dahi, enceton um adorabilissimo *flirt*, com aquella sua amiguinha de olhos azues. Depois digam que os olhos azues não são falsos...



A alma generosa da mulher paulista, vae promover mais uma festa de caridade em beneficio de um grande estabelecimento, que, devido ás difficuldades da epoca, se acha em pessimas condições.

Trata-se da *Maternidade*, esse utilissimo estabelecimento que tão relevantes serviços já tem prestado á sociedade paulista. A maternidade, é o primordio da suavidade grandiosa dos lares e por isso é sempre cheio de uma grande *sympathia* e de uma grande admiração, que a gente falla em tal instituição, que tem esse maviosissimo nome que nos evoca á memoria, o dulcidissimo espirito das mães.

Promovem essa festa de caridade, que constará de um pomposo baile no salão Germania, no dia 21 do corrente em beneficio da *Maternidade*, as seguintes distinctissimas senhoras:

Genebra A. de Barros, T. da Silva Telles, Anna de Moraes Burehard, condessa Alvares

Os nossos instantaneos



No Largo de São Bento

Penteado, Josephina Aranha, Isaura T. Alves de Lima, Marietta Chaves da Silva Ramos, Antonietta Penteado da Silva Prado, Elisa Lacerda, Herminia Prado Monteiro de Barros, Eglantina Penteado da Silva Prado, Generosa L. Pinto, Estella Penteado da Silva Prado, Mathilde de Lacerda Franco, Attimiza Guedes Penteado, Albertina G. Nogueira, Carolina P. da Silva Telles, Maria Nazareth da R. Conceição, Condessa de Lara, Isolina de Padua Salles, Marina Crespi, Lucilla Cesar de Mesquita, Mathilde F. de

O povo amotinado já duas vezes chegara tumultuosamente até á esquadria do seu palacio, onde um troço de fideis da guarda, desem-bainhando espadas e adagas, fize a reinar os mais decididos e manteve a o throno.

Reclamava-se a abdicação por jornaes e meet ings e choviam sobre o velho soberano os epigrammas canhalhas e as historias buffas.

Mas o partido militar sustentava-o.



No primeiro baile da côrte, foi apresentada a princezinha á Sua Magestade.

Já chegara a tão grande senhor a fama de tão graciosa vassalla.

E disse elle risonho:

— Eu já conhecia muito a senhora de nome, agora fico conhecendo de vista tambem.



Dizem que a princezinha se encantou tanto d'aquelle bonzo que falava sem o incomodo de se lhe dar corda, que, á sahida do baile, teve crise de nervos porque a não deixaram levar-o para casa onde queria por força collocar-o em cima do piano.



E casaram-se mezes depois.



Por todo o reino commentou-se a escolha de tão gentil princeza para mulher de tão desgraçoso soberano.

Tres coizas se disseram:

Que a princezinha era uma ingenha, uma creanga, casara-se só para ter rei Balão em cima do piano.

Que a princezinha era uma ambiciosa, casara-se para ser rainha.

Que a princezinha era uma ult a-refinada mulher, casara-se por amor ao bonzo.

Os que diziam isto da perversão da princeza eram jornalistas corrompidos, cheios de pó de arroz e de litteratura doente.



E a impopularidade de rei Balão tocou a seu paroxismo.

A princezinha que todos amavam, agora andava por caricaturas e artigos nas mais ridiculas e odiosas attitudes.



Emtanto ella era rainha.

E, por cidades de verão, no seu paiz de lenda e de vida plethorica, passava em vestidos ligeiros, guiando *charrette*.

— Yankee a rainha! dizia a gente embasbacada.



Mas... não ha mal que sempre dure nem historia que não se acabe.

E como esta já vae longa, uma vez o motim poplar tomou a gravidade d'uma insurreição.

Depois de dias tumultuosos que ficaram na historia d'aquelle paiz de lenda e de vida plethorica, uma manhã, rei Balão, enter-

Macedo Soares, Condessa de Prates, Alice G. da Silva Telles, America M. Sabino, Maria da Cunha Bueno e Olivia Guedes Penteadó.

O baile será abrilhantado por uma excelente orchestra de professores, constituida exclusivamente de instrumentos a corda.

M.lle Fleur de Lyz, essa creatura que tantas sympathias parece nutrir pelo *Pirralho*, enviou-nos a seguinte collaboração cuja originalidade muito admiramos:

A brasileira para ser completa precisaria:
 a *pelle* de m.lle Leony Moura;
 os *olhos* de m.lle Edméa V. de Mello;
 a *boquinha* de m.lle Amelia Castilho;
 o *pôrte* de m.lle Laura Villaboim;
 os *cabellos* de m.lle Carmen Supplicity;
 o *sorriso* de m.lle Cleonice L. Ribeiro;
 a *sympathia* e o *encantador recôto* de m.lle Zilda Villaboim;
 a *côr* de m.lle Baby P. de Souza;
 a *elegancia* de m.lle Zuleika Nobre;
 o *chic* de m.lle Sylvia Valladão;
 a *meiguice* de m.lle Dinorah Toledo.

M.lle Sylvia Valladão, essa graciosa creaturinha que todo S. Paulo chic conhece e admira pelos seus raros dotes de espirito e coração, tem um modo originalissimo de encantar as suas amiguinhas da alta roda.

M.lle por exemplo, acha que dos lados da Avenida Paulista a moça mais chic é m.lle Tetrizzini Nobre, a mais virtuosa Ruth Bourroul, a mais elegante Cecy Tavares, a mais querida Tanga Bourroul, a mais formosa Noemia Fernandes, a mais boazinha

Mequinha Sabino, a mais amavel Lill P. de Carvalho, a mais agradável Sylvia de Campos, a mais delicada Bebê Bourroul, a mais gentil Maria de M. Barros, a mais oriental Mindoca Bourroul, a mais fascinante Côra de M. Barros e a mais mimosa Maria Valladão.

Agora, avaliem por essas opiniões, como é gentil m.lle Sylvia Valladão nas suas referencias ás suas amiguinhas.

Que dirão a isso, as amiguinhas de m.lle Sylvia?

O Rink está fechado, as suas *habitués*, as graciosas creaturas que faziam a delicia visual dos frequentadores da querida casa de diversões da praça da Republica, veem-se agora privadas do delicioso *sport*.

Talvez effeitos da crise.

O *Pirralho* é que não se conforma com esse facto e lastima sinceramente não poder ir mais vêr e admirar no deslizar dos patins, as graciosas silluetas das suas amiguinhas.

RUY BLAS

Encanamento da agua na Penha



O DR. PAULO MORAES BARROS E O DR. WASHINGTON LUIS EM COMPANHIA DO PESSOAL «GRAUDO» DA PENHA NO DIA EM QUE FORAM INICIADOS OS SERVIÇOS DE ENCANAMENTO.

rado n'um divan da sua sala de despachos, recebeu a visita impertinente de dois dos officiaes que chefiavam a revolução. Execrado pelo prestigio que dava ao molle monarcha, o velho chefe do partido militar fora morto a tiros.

E rei Balão rendeu-se com armas e bagagens.

Pela noite, um carro sacudido ao galope largo de quatro cavallos, abalou em direcção ao castello real da montanha. Seguia-o em silencio um esquadrão de lanceiros.

Era a proscricção dos soberanos decalidos.

Dizem que, pelo trajecto, rei Balão ia repetindo ao seu creado de confiança, que quasi morrera do susto.

E raciocinava alto:

— Não brinca, a guilhotina... vae elle! Posso dizer nasci hoje outra vez.

A rainha, calada, envolvida n'um amplo manto de pellucia negra, immobilisava-se tragicamente no fundo da carruagem.

E chegaram.

E dizem que rei Balão, até o dia seguinte persistiu na monomania do seu susto:

— A guilhotina... vae elle!

A rainha, ativa demais para descer á indagação dessa horrivel

historia que a lançara buscamente do bulicio faustoso d'um throno para a ingrata solidão d'um castello de exilio, passou o dia todo enervada, encontrando na irreprehensivel organização de creadagem e vida domestica que lhe fora preparada, maior motivo para a sua aspereza de trato.

Quando veiu a tarde ella subiu ao terraço do castello. A paysagem ia em largos desenhos de colinas e florestas até o mar.

E lá, beirando a enseada serena, a metropole, no ouro do occaso tropical, erguia suas pontas de torres e suas cupolas de templos e palacios.

Quedou-se alli a nostalgica rainha. De modo que a noite calindo, fora a descolorir o ceu para opala, a diluir em verde escuro os reflexos do mar, a fazer mancha branca da longinqua cidade.

De forma tal, que quando a rainha accordou do seu sonho, havia grande lua, por terras, florestas e mar.

E dizem que ella cantou.

E que tão lindo foi o seu canto que se creou d'ahi uma lenda de noiva morta que nas noites de lua, vinha enlouquecer os pastores da região com o magico teclado da sua voz de sylphide.

SUPER-HOMEM

Inedito para o Pirralho

Julio de Sá passou e repassou distraidamente o guarda-napo sobre os beiços carnudos, distendidos num vago sorriso tranquilo. O companheiro de mesa, que ouvira calado a abundante narrativa, aconchegou a gola erguida do sobretudo, e, com uma voz cujo timbre e cuja toada diziam, antes e melhor que as palavras, a indole de uma filosofia de resignação e de comodismo:

— Mas isso cança, ó Julio, não cança? De todas essas aventuras, de todas essas idas e vindas, viagens, festas, pandegas e idilios, o que tens tirado, de certo, é a conclusão de que não ha como a gente viver na sua terra, com os seus...

Julio de Sá cravou os olhos nos do comensal, carregando o cenho.

— Estás doido. Eu quero lá saber de socego! Eu quero lá saber de calma, de paz, de vida metódica! Não nasci para isso, meu velho.

E o outro, apertando com as mãos a gola do sobretudo, o guarda-chuva entre os joelhos:

— Gostas então de uma vida desordenada e áspera?

— Quanto mais, melhor. A vida de carneiro não me tenta. A agitação é uma necessidade do meu temperamento. E mais: é uma maneira por que eu entendo, cá por umas ideias, que devo viver a minha vida. Se eu não fosse um exuberante por natureza, seria um agitado por convicção. Para mim a vida que merece ser vivida é a vida ultramovimentada; movimento incessante, em todos os sentidos: expansão física, expansão

afectiva, expansão dos instintos, expansão do espirito; viagens e lutas, paixões e negocios, prazeres, jogo, carraspanas, arte, mulheres, sport, tudo, e tudo de pressa, sem parar em coisa alguma nem em parte alguma.

— Então, é convicção tua...

— Convicção, sim, senhor.

— Convicção, não, senhor. Dize que tu gostas, que o teu temperamento te leva por aí, que o teu feitio dá para essa vida dispersiva e doida. Convicção, é que não. Que diabo de convicção pode ser essa, ó Julio! Tu confundes os termos...

— Não confundo nada. O que estou é com a boca seca. Este diabo de vinho... «Garçon», mais meia garrafa de cerveja aqui para este senhor, e vê se me arranjas aí um «Bourgogne» gelado, mais decente do que essa coisa que me deste ha pouco. Digo te que não confundo nada. Repito que, se assim não vivesse por temperamento, viveria assim por efeito de uma maneira minha de encarar as coisas. Não sou um simples praticante, sou um teorista da vida superactiva. A existência repousada, assente, dentro de um quadro prefixado, com principios gerais imutáveis e com um programa particular mudamente estabelecido, é apenas um atentado contra a natureza. A vida do homem não póde ser uma construção architectonica, com terreno escolhido a dedo, com plantas matematicamente organizadas, com materiais conhecidos, com destinação certa. Toma nota deste teorêma negativo: a nossa vida não é uma construção. A nossa vida é apenas isto

vida, — uma coisa cuja essência e cujo sentido nos escapam, que nos é superior, que nunca conseguirmos abarcar nos limites da nossa consciência, porque esta não lhe apreende senão umas pálidas faulhas, nem subjugar á nossa vontade, que só é forte quando se lhe submete a ela... Todos os principios morais com que nós pensamos dominar a matéria o o instinto se repartem em duas classes: ou são inerentes á propria índole das coisas, e nesse caso não valia a pena gastar tanto tempo e tanto esforço em compendiá-los, ou são puro artificio humano, inútil e ridiculo como a pretensão de um sujeito que fosse prégar normas de movimento e de orientação ás ondas do mar. De resto, nem podemos saber quais são os principios que existem na propria natureza e quais os que ela desconhece e rejeita. Não ha normas de vida! Nenhuma norma. Ninguém sabe se o santo que passou pelo mundo empanturrado de virtudes, dizendo palavras de concórdia e de piedade, distribuindo beneficios aos homens, não terá feito maior mal *ao homem* do que o bandido de alma opaca e de mãos mortíferas... Aquele que espalha esmolas e consolações pode garantir e suavizar a existência a alguns que consideraria menos dignos dela; o que cria exaltações e represálias em torno de si coopera para a formação de corações fortes, de almas altivas, de energias indômitas...

E, de pé, batendo no ombro do amigo estarrecido:

— A vida é para ser vivida. Vivamos

Mas isso é lenda. O certo é que a passagem dramatica desta historia se desenrolou na cozinha do castello.

A rainha fora verificar se terras estavam as torradas que o seu real esposo costumava mergulhar e amollecere no chá das dez horas.

E o seu real esposo, vendo-a tão extranha naquella palidez passar toda de negro, acompanhou-a de mansinho, sustendo a custo a sua respiração escandalosa de astmatico. Pé ante pé, com mimicas matricas, acercou-se do decote de jaspe que ella, de costas, quedada para a chamma do largo fogão, deixava ver por sob a fofa cabelleira negra. E allí... deante mesmo do cozinheiro chinês, pespegou-lhe uma beijoca na nuca...

Dizem que o mordomo do palacio no dia seguinte requisitou uma vassoura nova, tendo-se partido o cabo da que existia na real cozinha. O certo é que Sua Magestade, escoriado na calva, falleceu dias depois.

Sobre a sua morte, a principio mysteiosa, abriu-se inquerito, havendo certeza d'ella não ter sido natural.

E descobriu-se que assassinado o monarcha não fora, pois só duas pessoas poderiam ter commettido o crime: o cozinheiro chinês, um torto impréstavel que não fora admitido no serviço militar nem da China, e a meiga rainha — inverosimel!

O cosinheiro depoz que: Fu - ki - ona - gô - chi - karo wut - otô - gô - oki.

E o juiz instructor aparentando polyglotismo, declarou que aquillo queria dizer muito bom "suicídio" o mais "suicidio a cabo de vassoura".

A rainha com a côr esmaecida das fiuras do Beato Angelico, compareceu perante o aparelho da Justiça e concordou com tal versão.

De modo que rei Balão veio a ser para os biographos um rei nobre, um rei féra, que não podendo subsistir ao banimento, desarmado o vigiado de perto, se matou a cabo de vassoura.

Fizeram-lhe depois até a ultima phrase em latim macarrónico:

— Ego cum vassoram in testibus escarreo in nemicos meos!

E ficou na Historia com o nome de Balão Furado.

OSWALD DE ANDRADE

cada qual a *nossa* vida. A maior virtude que um homem pode ambicionar é a de viver — ampamente, desassombadamente, sem restricções, sem liames, sem dobras, sem receios, deixando livre ao proprio ser o máximo de expansão a que elle possa atingir. Aí tens a minha moral, e aí tens o que eu faço: vivo, num esforço contínuo, numa contínua agitação, sempre fremente, inquieto e anelante, sempre envolto na maravilhosa nuvem das sensações que me mandam os sentidos hiperestesiados, tudo vendo, tudo palpando, tudo experimentando. Vivo, numa palavra, durante o meu fugitivo minuto de existência, a própria vida eterna, magnífica e indecifrável do universo. — E sabes que mais? Vamos embora.

Julio de Sá tomou o chapéu, e, acendendo um charuto:

— Vais para casa? Pois vamos juntos. Eu não vou a parte nenhuma. Talvez recolha também.

E os dois, braço dado, saíram da aridez e da tepidez do bar, mergulhando na cerração da rua, pontuada de pequenos borrões de luz. Julio de Sá, as mãos enfiadas nos bolsos, a bengala a emergir de um deles, encostada ao ombro, apoava-se rudemente ao braço do companheiro pachorrento, e falava sempre, numa voz cada vez mais pastosa:

— Tú não vives, meu caro Lucas, tú não conheces a vida...

O outro tentou uma réplica. Não conhecia a vida que elle, Julio, levava e exaltava, mas conhecia-a por uma outra face, menos fascinadora talvez, mas com certeza mais nobre. Era a vida apagada, subterrânea e sofredora do maior numero, a vida feita de sacrificios quotidianos, de desejos contidos, de aspirações imoladas, de sonhos recalçados, de trabalho tenaz, absorvente, esmagador, opiniático, heroico...

E sublinhava com o gesto o ultimo qualificativo. Tinha a sua poesia, pois não tinha? Mas o Julio, feroz:

— Poesia! A poesia do Dever, hein? Que raio de poesia tu achas numa vida artificial, toda de restricções duras, que te foi imposta sem discussão nem consulta, e que assim a-eitas e praticas? A poesia da canga... a poesia da polé...

Gaguejando estas coisas, Julio sacudia pesadamente o braço do amigo. E, num repelão forte, que o levou de brusco á parede:

— É isso que tu achas belo, meu pedaço d'asno?

O amigo pachorrento olhou-o na cara, insultado, e fez o gesto de quem queria desvenoihar-se e ir embora. Mas Julio de Sá reteve-o. Ora essa! Já não se podia brincar! Deixasse de tolices. Amigos sempre...

Agora Julio de Sá, com o chapéu atirado para a nuca, pendurava-se ao braço do camarada, resmungando desculpas entromçadas de elogios e de indirectas. Estava magador, carinhoso e irritante. Sucumbido

sob a dura prova, Lucas ia e vinha, aos bo-léus, jungido ao braço pesado do boémio, ao longo da interminavel rua deserta. Passou um carro. Lucas meteu-se nêlo com o importuno, resignado a sofrê-lo até que o largasse em casa. Abandoná-lo não podia, não seria decente. Tinha de ser naquela hora o seu arrimo; era o seu protector forçado. O super-homem dependia, naquele momento, do seu sacrificio; aliás, talvez tivesse de dormir na rua, como um beerrão vulgar, ou num posto de policia.

Aos solavancos do carro, sob o ar frio que zunia na coberta, Julio espalhou-se momentaneamente nas almofadas, as pá'pebras descidas sobre os olhos mortifcos. E quando chegaram á casa, saltou sósinho, quasi firme, e bateu. Uma luz amarela veio de dentro, por baixo da porta, sobre a soleira. Em seguida, silenciosamente, a porta abriu-se, e appareceu o vulto de uma velhinha, vagamente lambido pela luz, alongando de sob o chaile traçado o braço que sustentava o lampião casciro. Sorria, curvada e trémula, na longa resignação de um velho sacrificio. Era a mãe do noctívago.

Mas havia no seu semblante e na sua voz um vago e suave resentimento. Julio, como quem está acostumado, não lh'o percebeu. Percebeu-o e compreendeu-o vivamente o Lucas, que com enfado se atirou para o fundo do carro, depois de uma despedida apressada.

— Adeus, ó super-homem!

— Adeus, ó trouxa! Medita no que eu te disse.

De dentro do carro, numa volta, Lucas ainda viu o filósofo, com um pé na soleira, a acender pachorrentamente um cigarro sobre a chaminé do lampião, que a velhinha lhe baixara á altura do nariz.

1913.

AMADEU AMARAL.

XICO

O choro dos Ministros

O Herculano que só ria
Agora vive a chorar:
Pois falta apenas um dia
P'r'o Hermes *desinfectar*...

Vespasiano triste espia
Quem vae para o seu lugar:
Pois falta apenas um dia
P'r'o Hermes *desinfectar*...

O Alexandrino a myopia
Com lagrimas quer curar:
Pois falta apenas um dia
P'r'o Hermes *desinfectar*...

Rivadavia não queria
Mas ha de a *muque* deixar:
Pois falta apenas um dia
P'r'o Hermes *desinfectar*...

Lauro Müller já sabia
Mas bem triste deve estar,
Pois falta apenas um dia
P'r'o Hermes *desinfectar*...

O Barbosa já enfia
Na trouxa seu grande azar:
Pois falta apenas um dia
P'r'o Hermes *desinfectar*...

O Edwiges já nutria
Esperanças de ficar...
Mas falta apenas um dia
P'r'o Hermes *desinfectar*...



HORACIO LANE

ECHOS DA INAUGURAÇÃO DA HERMA
DO SAUDOSO EDUCADOR.

O AMOR

Eu já sonhei o amor tragico, heroico e louco;
hoje, o amor, para mim, é pouco, é muito pouco...

Imaginei-o já medieval e forte:

— eu, couraçado de aço, embaixador da morte,
a lança em riste, o olhar feroz, a pluma ao vento,
em souhos já me vi cruel, sanguinolento,
a destroçar legiões, estraçalhar alfanges,
armaduras romper, desbaratar phalanges...

E, ao voltar triumphante á terra quieta e calma,
onde deixáva anciosa a dama de minha alma,
eu, quichotesco heróe de toda essa odysseá,
ir os loiros depôr aos pés de Dulcinéa...

Em summa: um alvoroço, um ferreo reboliço,
depois... um beijo! — Não, o amor não é mais isso!

Idealisei-o já romantico, poetico:

— a scena de balcão ao resplendor magnetico
do plenilunio de ouro... a serenata... o idyllio...
Um rival! Vêm a intriga, o duello, o rapto, o exilio
do par enamorado... Amor todo perfumes...

De repente, porém, uma suspeita! Ciumes...
a traição da infiel... o brilho de um punhal...
o crime... o desespero... a fuga... — Eis afinal
que tudo se transfórma e muda num momêto:

— um corpo no caixão e um frade no convento!

Esse amor de romance eu já sonhei no viço
da mocidade... — Não, o amor não é mais isso!

Um olhar — eis o amor. Os olhos dizem tudo...

E' como o espelho, o olhar: — elle reflécte mudo
o que nas almas vae. Que são esses amores
salpicados de sangue ou semeados de flores?

— São nada ao pé do amor que se resume apenas
num brilhar de pupillas grandes e serenas...

E' mudo, sim; qu'importa? — E' o unico, porém,
que se deixa philtrar nas lagrymas de alguém!

E uma lagryma é tudo! E o amor é o feitiço
de um olhar! — Para mim, o amôr e apenas isso!

G. DE ANDRADE E ALMEIDA

Uma enquete sensacional

Estando no nosso programma de reformas, interessar a sociedade paulista em questões de arte, elegancia, litteratura etc, etc, resolvemos proceder a uma *enquete* original, saber que pensa o nosso mundo intelligente sobre a figura celebre de Fradique Mendes.

Para isso formulamos as perguntas seguintes:

1.º Será Fradique Mendes um typo representativo de vida superior?

2.º E' Fradique Mendes um elegante perfeito?

3.º Em caso de resposta negativa, qual é o typo ideal de homem?

Está claro que os nossos entrevistados poder-se-hão estender sobre a questão da vida chic e intellectual, expondo as suas ideas sobre um programma de existencia superior.

Serão alvo da nossa *enquete*, senhoras e senhoritas cultas da nossa sociedade, poetas, intellectuaes, elegantes e mundanos.

Entre outros nomes, contamos em lista inicial os seguintes:

A poetisa M.me Francisca Julia, a poetisa M.me Graciema Nobre de Campos, Amadeu Amaral, Dr. Roberto Moreira, dr. Pires Germano, Plinio Barretto, dr. Mello Nogueira, dr. João Sampaio, Jacomino Define, Nestor Pestana, dr. Simões Pinto, Nuto Sant'Anna, Guilherme de Andrade e Almeida, Ricardo Gonçalves, Pedro Rodrigues de Almeida, Julio de Mesquita Filho, Sampaio Freire, dr. Freitas Valle, dr. Murtinho Nobre, Armando Prado, Ibrahim Nobre, Joaquim Morse, Julio Cesar da Silva etc, etc.

No proximo numero publicaremos a primeira resposta.

Nair — Escuta cá Dudú.

Elle — (terno) — Não me chames de Dudú; chama-me Dodoé...

Outrora ningem sorria,
Agora é outro o cantar,
Pois falta apenas um dia
P'r'o Hermes *desinfectar*...

HOMENS DO DIA



O extraordinario general Joffre

Boletim semanal da Guerra contra os Fanaticos

PELO HERMES

DIA 8.

A' hora marcada realisou-se com grande concorrência o combate entre as nossas forças e as do inimigo.

O capitão Cavallares foi ferido em seu brio por uma bala inimiga. O estado de seu brio é repugnante.

O general Vespasiana apostou uma corrida com o almirante Alexandrepepino.

O generalissimo Glycerio, o Heroe de Papanduva, conseguiu a soltura de seu genro, o sr. Uladislau.

DIA 9.

Continua passando mal o brio do capitão Cavallares.

Não foi confirmada a noticia da doença do almirante Alexandrepepino. Foram devolvidos os telegrammas de pezames enviados a s. excia.

O general Glycerio em companhia do seu illustrado genro o snr. Herculano visitou hoje o Hospital de Papanduva onde se acha em tratamento o brio offendido do capitão Cavallares.

O general Vespasiana por causa do mau cheiro no nariz foi obrigado a retirar-se das fileiras.

DIA 10.

Consta que vae ser suspensa a guerra por causa da febre covarde que grassa nas nossas fileiras.

Ainda está passando mal o brio offendido do capitão Cavallares.

O sr. Uladislau em signal de grande regosijo reuniu um grupo de amigos para festejar o seu anniversario. Respondendo ás saudações que lhe foram feitas s. excia. proferiu este discursinho:

Meus amigos:

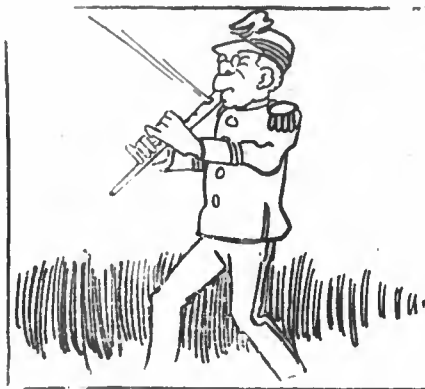
A Constituição diz no seu artigo 6.º que não se deve ser trouxa na vida e nunca ter medo de intervenções chirurgicas.

Eu tenho sido muito feliz na vida porque sei de cór a Constituição, que

é o código politico de todas as nações que teem constituição. As que não teem são araras, porisso, Viva a Constituição!

DIA 11.

O Capitão cavou uma flauta e passa o dia inteiro entretido.



Não está ainda fóra de perigo o brio offendido do capitão Cavallares.

O almirante Alexandrepepino expoz seu plano de guerra ao general Piedadão.

O plano de s. excia. consiste em ganhar todas as batalhas.

DIA 12.

O general Piedadão teve que matar o Turuna por falta de recursos.. eleitoraes.

Embarcou hoje o general Vespasiana deixando muita saudade e um mau cheiro insupportavel.

Hoje aggravou-se ainda mais o estado do brio offendido do capitão Cavallares.

DIA 13.

O sr. Uladislau genro do senador Glycerio organisou um exercito de voluntarios.

S. excia. foi muito felicitado por esse acto de bravura.

O almirante Alexandrepepino apresentou um novo plano de guerra, que consiste em vencer todas as victorias.

DIA 14.

E' lastimavel o estado do brio offendido do capitão Cavallares.

Telegramma chegado hoje annuncia que a guerra acabou. Ninguem ganhou. Houve impate. A paz foi assignada e consignada na acta. Prepara-se uma grande manifestação ás nossas tropas e tropeiros.

MARECHÁ.

A politica nos bairros

Bella-Vista

O seu Nicolau quer mingau!

— Então Nicolau, d'esta vez o ministro da Agricultura sahe da politica dominante de São Paulo, hein?

— Qual, estou em contacto com os chefes, e posso garantir que elle será dos nossos amigos.

Lá na Praia Vermelha aguardarei os teus pedidos de passes, vou ser official de gabinete...

Bom Retiro

O snr. Luiz Sergio Thomaz é candidato a ministro no governo Wenceslau.

S. S. conta com o prestigio eleitoral do bairro.

Braz

Fala-se por aqui n'um complot politico.

No proximo numero, quando as coisas estiverem mais claras, falaremos d'elle.

Toda a correspondencia deve ser enviada a *Cabo Eleitoral* — Pirralho, Caixa 1026 — Capital.

CABO ELEITORAL.

Publicações

O Guia Levy. — Temos em mãos o ultimo numero dessa util publicação. Muito gratos ao seu organisador.

Brazil Magazine. — Recebemos o ultimo n.º dessa revista de propaganda do Brazil no estrangeiro, que se publicava em Paris e, actualmente, se edita em Bordeaux.

Como os demais numeros, está interessante. Agradecidos.

Relatorio. — Da Camara Municipal de Fortaleza, (Ceará) recebemos um bem elaborado relatorio apresentado á mesma edilidade pelo seu digno secretario. E' uma verdadeira apologia ao C.º Franco Rabello, legitimo presidente daquelle estado, deposto pela gente do Snr. Pinheiro. Gratos.

Os nossos criticos

A falta de criterio, de coherencia, de imparcialidade, de justiça, e a manifesta inferioridade com que os nossos pseudos criticos apreciam as produções alheias, levaram-me a acreditar que a critica, apesar de bem velhusca, não encontrou, cá, destas bandas do Atlantico, um verdadeiro interprete.

Datam de 1831 as primeiras tentativas que se fizeram no Brasil, no sentido de se inocular no nosso organismo litterario o gosto pela difficil arte de Sainte Beuve. A principio a critica brasileira não passava de um capitulo das Anthologias, dos Parnasos e dos Florilegios, e os *precursores*, desde Januario da Cunha Barboza até Varnhagen, não conseguiram dar-lhe vida propria.

Depois, no periodo intermediario, com Sotero dos Reis e Conego Fernandes Pinheiro, tivemos estafantes tiradas rhetoricas, repassadas de um classismo enervante, e assim permanecemos até o momento em que, com Tobias Barreto, surgiu o periodo da reacção em 1870.

A esse sergipano genial devemos grande parte do nosso progresso intellectual por que se não fôra a sua energia mascula, brotada da sua combatividade unica na historia da nossa litteratura, não teriamos aquelle ardor bellico e aquelle entusiasmo sagrado que incandesceram o peito e o cerebro dos escriptores daquela epoca, transmittindo um como que fogo sagrado ás gerações que se succederam. Tobias Barreto, no começo influenciado por Vacherot, Rénan e outros auctores francezes e depois sob o dominio dos pensadores allemães, fez varios e preciosos ensaios de critica sobre arte, religião e philosophia, demonstrando as suas qualidades de polemista e as suas aptidões intellectuaes.

Apezar de polygrapho, de eminente juriconsulto, de pensador de alto renome, Tobias Barreto não tinha a superioridade que se roquer de um verdadeiro critico, não possuia a serenidade indispensavel áquelles, cuja função de julgar deve ser presidida pela mais restricta imparcialidade. O gigante de bronze, o impetuoso Tobias, não continha as suas explosões colericas e quando polemicava ou criticava não despia a sua chlamyde de tribuno — de tribuno que fére, anathematiza e apostropha. Foi um critico falho, portanto, e passivel de critica. O seu grande discipulo Sylvio Romero, que durante quasi meio seculo, dispendeu energias e se empenhou em luctas tremendas para restaurar o prestigio

do mestre idolatrado, apesar de querer, tão sómente, «elucidar assumptos nacionaes á luz da philosophia superior do evolucionismo spenceriano», a exemplo do que fizera aquelle que lhe traçara a róta, enveredou pelo caminho tortuoso e escabroso das objurgatorias, semeiando odios, angariando inimigos e colhendo logicamente fructos detestaveis dessa sua conducta. Sylvio Romero ataca os criticos que confundem a critica com o desabafo pessoal e, no entanto, nas suas apreciações foi sempre apaixonado, levando a sua paixão ao ponto de no seu livro, «Machado de Assis», negar qualidades de estylista a esse principe da prosa brasileira para realçar o valor do grande Tobias Barreto.

Sylvio Romero era um erudito, era um convicto, era um combatente — e a elle muito devemos — mas não era uma organisação de critico, não era um critico calmo, justo e recto.

Dentre os nossos criticos ha um que avulta pelo saber, pela intelligencia, pela profundidade de conceitos, pela originalidade — é Alencar Araripe.

A sua obra não é das maiores, mas mesmo assim revela as suas qualidades de critico psychologico, subtil, e prova exuberantemente a sua penetração de espirito.

Num ponto sómente discordo do eminente critico brasileiro: É no que se refere ao genial Ruy Barbosa.

Alencar Araripe nega a Ruy Barbosa qualidades de estylista e só lhe reconhece o entusiasmo medido e compassado de orador e escriptor politico. Quanto ao seu estylo diz que é sempre o mesmo, sempre hieratico, sempre monotono, sempre destituído de brilho. É uma injustiça flagrante que se faz ao grande brasileiro, que mereceu do proprio Sylvio Romero o seguinte elogio: «Ruy Barbosa, este tem tantas qualidades, que só se poderia definir, d'zendo que é, como Victor Hugo em França, o primeiro talento verbal da nossa raça. Sua prosa tem todas as modulações, todos os tons, todos os aspectos, conforme o assumpto e o sentimento da occasião.» Como se vê, nem mesmo Alencar Araripe conseguin realizar a sua aspiração de ser, como pretendia, fiel á verdade nos seus julgamentos. Se o critico cearense não feriu o alvo que tinha em mira muito menos conseguirão José Vertissimo e seus sequazes, que desconhecem os segredos da esthetica, que ignoram a religião da Belleza que Ruskin quiz fundar, e que nas suas criticas de *agultheiro* desprezam a inspiração, o preparo philosophico e a ideia para tratar unicamente de collocação de pronomes e de erros grammaticaes. Dentre os moços salienta-se Almachio Diniz de real envergadura philosophica que, na sua nova phase, tem patenteado progressos animadores em suas criticas sobre varios assumptos.

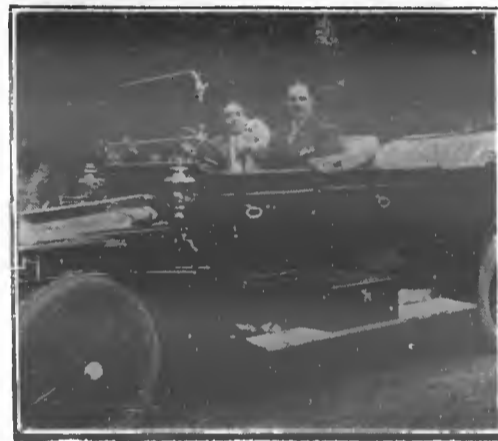
Das figuras secundarias não tratarei neste rapido artigo porque de apagadas que são não pedem ser examinadas á luz da verdade.

Os criticos, que nos não apontam as fontes do saber, não tem prestigio moral e intellectual e porisso as suas opiniões nada representam, nada symbolisam. Mas o verão da nossa litteratura não será eterno e, portanto, é de crêr que dentro de pouco tempo essas «cigarras litterarias» desappareçam feridas de morte por um inverno rigoroso...

JAIRO DE GÓES

Ah! que triste não seria
A vida neste lugar,
Si não faltasse um só dia
P'r'o Hermes *desinfectar*...

No Parque Antartica



Dois elegantes marmenjos

POLITICA.. AMOROSA

A minha sogra... futura,
me põe a cabeça quente!
Mas isto não tem altura!
Quanto horror! Pobre vivente!

Não sei como o velho a atura!
Mas eu, tolerantemente,
aguento toda a censura
no posto de pretendente.

Só por causa da menina,
attendo-a qual deputado
que não quer perder a mina...

Sou o escravo, ella é o Senhor:
— ella é o Pinheiro Machado
Na *encrenca* do meu amor.

1914

CORNELIO PIR ES

Não chores, minha Maria,
Que a coisa vae acabar:
Pois falta apenas um dia
P'r'o Hermes *desinfectar*...

"Pirralho" Carteiro

Mr. Rubens Salles: Ha aqui um cartão postal dirigido ao Snr. Queira vir procurá-lo.

Mr. João Rabello Coelho: Mr. Ruy Blas fez-nos entrega do seu soneto. Não está máo. Contudo, não o publicamos devido o assumpto ser tão conhecido...

Já ha tantas parodias do conhecido *as pombas* de Raymundo Corrêa...

Sempre ás suas ordens.

Mr. Aginaldo Junqueira: Não posso corrigir o seu trabalho. Versos devem ser sempre expontaneos.

Olavo Bilac é o melhor tratado que ha em lingua portugueza. Ás suas ordens

Mlle. Fleur de Lys. Será attendida. As suas listas são sempre muito originaes.

Obrigado. Ao seu dispor.

AZAMBUJA — Administrador.

Palcos & Fitas

THEATRO S. JOSÉ — As «Pupilas do Snr. Reitor, extrahida do romance de costumes portuguezes de Julio Diniz, conseguiu arrastar uma grande concurrencia para o S. José, na semana que findou. O desempenho dado pelos actores á peça foi perfeito, merecendo, no entanto, especiaes referencias Ghiira, no papel de José dos Dornas, e Edú de Carvalho, no de Daniel. Os córos e a orchestra correram de encontro á boa vontade dos actores.

THEATRO VARIEDADES — Neste music-hall o snr. Segreto continúa a explorar a paciencia do publico com as *celebres lutas de campeões mundiaes*, que já alcançaram franco successo na Penha e na Freguezia do O'.

Os numeros de variedades são fraquissimos e por esse motivo e ainda mais pela falta de conforto que se nota no «Varieda-

des» a concurrencia aos seus espectaculos tem sido muito pequena.

THEATRO APPOLO — A Companhia Lamas & Carrasco despediu-se terça-feira, do publico com um espectáculo bom, deixando uma deliciosa impressão dos seus trabalhos no espirito de todos. De volta do Rio, onde irá dar uma serie de espectaculos, a companhia hespanhola voltará novamente a S. Paulo.

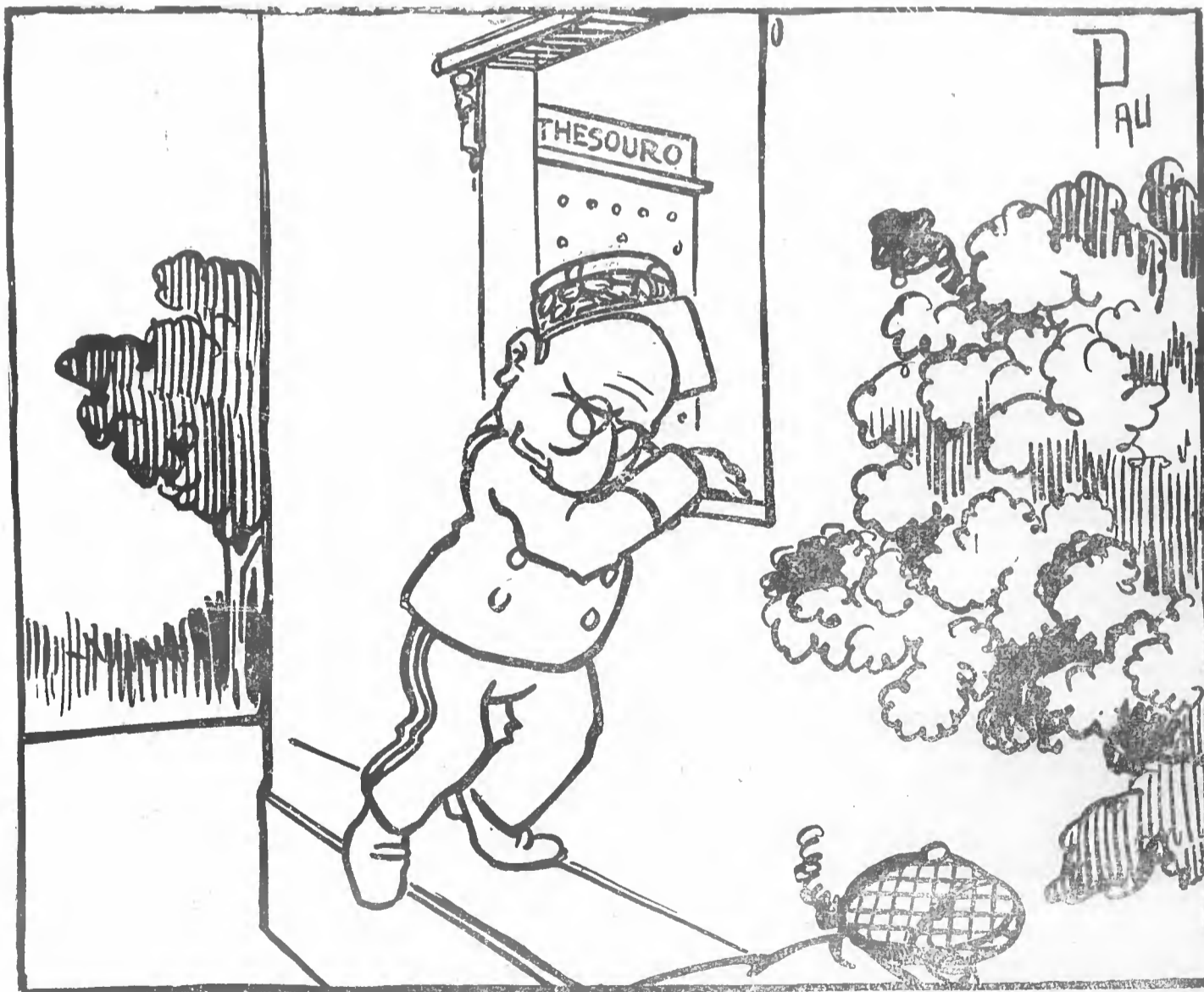
CASINO ANTARCTICA — A direcção do «Casino» tem se esforçado muito por apresentar bons programmas aos seus frequentadores, conseguindo em parte o seu desejo. Para hoje são annunciadas tres sensacionais estréas.

IRIS — As sessões deste cinematographo continuam a ser extraordinariamente concorridas, em vista dos bons films que são offerecidos á curiosidade do publico que o frequentam.

HIGLI-LIFE — Ainda o Higli-Life não qecahiu do seu esplendor. Continua a ser um cinema *chic*.

DEMO

PELA CALADA DA NOITE



A sahida d'ELLE



O Biralha

XORNAL ALLEMONG

TIRREDOR-XUÃO MANNEKENPISS

Esbliczongz muido naduralmende

Grueldades allemong nong esda zendo fertades

Tudos garraderisdigos gondezidos

Dudos os xendes esdá cridando erandemende vurriozes gondre o grueldade allemong, tizando guê zoltado allemong nong der gorrazong odres bardes gorresbondendes.

Esde esdá o maiorres mendirres tó uniferzus.

O guê esdá zendo xamado grueldade esdá muido gondrarriamende penefizios barra o humanidade ô encanos lamentozos.

No Pelxiga bor egxemplo nong esdong zendo gortados as muierras e os grianzas.

Un feiz um muiher pelxiga esdá dendo un gallo no tedo maiorres ta bé, un zoltades allemongs esdá gordando elle muido telicadamende.

Odré feiz un ponides moeinhas bélixigas esdá gom um ferruga no punda ta narriz, ume odre zoltado allemong esdá redirrando esde goizes veios tó

O brodezongz tê tifintades Fidorria borderrormende

O Kaiser — Deus commigues, Allah com Durguia e o Piabo com o zerfeches!!



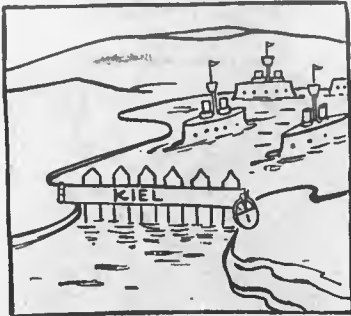
garra télla, mas borrem o oberrazongz nong esdá zendo gombledamende felizes, o narriz e dres orrelhas esdong zurdos.

O inzendio te Loufain esdá naduralmente esbligado.

Nume gaze tó zitade hafer erande vornezimendo barra ô vesta tê Zão Xuão, dragues tê félha, egualmende besdolongz, voguedes e odres vogos guê os grianzas esdong gosdumando zoltar. Un zoltades allemongs gom o gaximbo aeezes drendo tó boga telle esdá endrado e tudos esdá begando

O esquadra allemongs

Barra inclez nong ver.



vogo enderramende e umes erandes inzendios esdá gontezidos!!!

Dudos ô zerfeches esdá zendo embregado barra o abagamendo tó enzendios, mas borrem, muido invselimende nong boder zer bozível! —

O tesdruizongz tó Gadedral tê Reims esdá odre vado muito zimblez.

Cuando os vorzes allemongs esdong zendo checades barra Reims, o Gabidong tó ezzerzidos esdá gologando ogulo enzima tó olio terreido barra encherçar melhormende, mas borrem gomo esdafa um pocadinhes nerfozes esdá gologando o ogulos xusdamende tó odro latos, bor esde razong esdá o Gatedral lonxemende barrezides gomo um bedra gom um borzongz té gacos de carafas enzima, igualmende gome os murros tó guindal tó xendes barra non endrar gadunos. Benzando Gabidong zer un forde, dirros enzima esdá zendo tisbarrados.

Esdes esdá o fertaderros goizes gome esdá desdemunhando o illusdre tirregdor.

XUÃO MANNEKENPISS

(Gom o virma tefidamende regonhezides)

O GUERRES OIROPEAS

Delecrammes Supimarrinos

Zervizo delecragivo e bostal tó Agenzia Choppen Duples

Uma tezasdre horrorozes

Uma pigode to Kaiser! - A ludo nacional

Berlim, guadorze.

O Kaiser esdá gueimando uma pigodes gom ume fela aeezes euando

esdava gom mabba no frende esduando un plano barra a domada di Barris supderraneamende.

Esdá degredado lutos nazionalmende barra dudas as nazongz dudas as xendes crandemende ehorrozés!

GEORGE BAÇÚ

O OCCULTISMO EM SÃO PAULO

Não ha sem duvida problemas que excitam mais a imaginação do homem do que os problemas que se revestem do mysterio, e cujas origens e causas se perdem na confusão nebulosa das supposições e conjecturas.

Tem sido o occultismo na America do Sul, apresentado ha muito tempo, tanto por exploração de charlatães como por experiencias serias de estudiosos.

O Brasil, paiz de alta importancia geographica e social no nosso continente foi muitas vizes procurado para campo de acção de audazes aventureiros e de sabios detentores das sciencias occultas.

Uns como outros dirigiam-se de preferencia a esta formosa capital do estado de São Paulo, cuja fama de metropole civilisada e rica chegou de ha muito aos centros mais afastados da vida mundial.

É natural portanto, que tendo ha-vido por aqui, de um lado a visita proveitosa de estudiosos e de outro a exhibição gananciosa de charlatães, se estabeleça até certo ponto a confusão entre uns e outros, e se tenha por principio a desconfiança para com os que se apresentam de novo.

Ora, essa confusão se é natural no começo, não é justa quando se afirma a personalidade seria e inequivoca de um homem de profundos estudos que sem reclames, nem promessas illusorias, estabelece o seu modesto campo de acção para exclusivo beneficio de seus semelhantes.

É o que se dá com o professor George Baçú, natural da India, e que se tendo dedicado aos mais graves problemas da saude e da vida do homem, é hoje em São Paulo, o consolo dos que soffrem e se desesperam com os abalos do corpo e as miserias da carne.

O professor George Baçu não diz que cura, não affirma que faz prodigios ou milagres, não enche columnas de jornaes com promessas de maravilhas.



Não! George Baçu, modesto, socgado, consciente do seu valor — verifiquem nas suas publicações — diz apenas que attende aos que o procuram. E em resposta aos invejosos ataques

dos seus malevolos e gratuitos inimigos — modestamente, pacificamente, serenamente — elle publica attestados e agradecimentos de pessoas que se sentirem felizes em o ter encontrado no seu caminho.

São expontaneas e diarias essas provas innumcras de gratidão para com o distincto professor occultista. Elle não as pede, elle não as reclama, elle não as paga nem exige, e ellas todos os dias chegam-lhe as mãos.

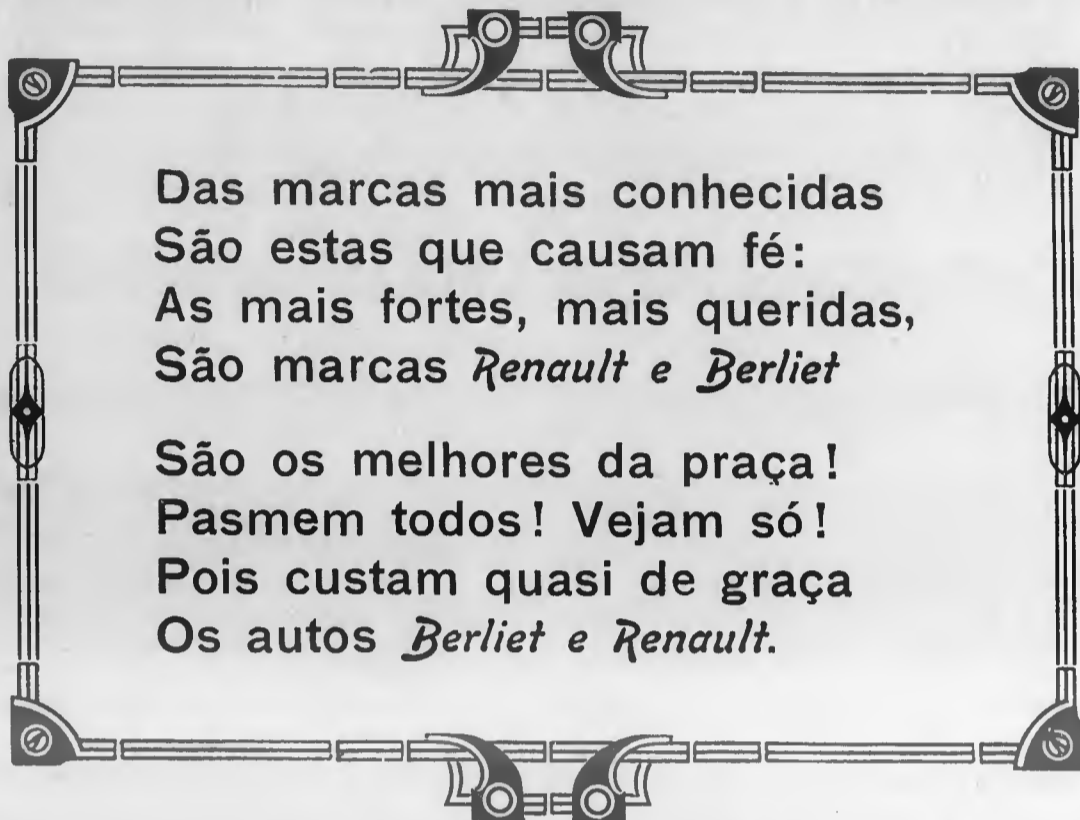
E' injusta e calumniosa a campanha que se faz contra o sabio occultista. Importantissimas curas e de pessoas de excellente reputação tem elle feito aqui em São Paulo e no interior do estado.

E esse homem, cuja vida é uma serie continua e ininterrupta de beneficios de saude, de curas difficeis, de salvações de milhares de vidas — é tambem um generoso protector da miseria, um caridoso auxiliar da pobreza e um sentimental amigo dos que soffrem e precisam. São innumeros os actos de caridade do professor Baçu para com a pobreza desamparada e sincera.

E é esse homem que inimigos invejosos e máus procuram demoralizar perante o nosso publico. A sua presença incommoda decerto os falsos scientistas, os exploradores.

Mas a verdade ha de vencer e pairar acima de tudo e George Baçu, glorificado pelo testemunho inequivoco de quantos o procuram para o allivio de seus males — ha de triumphar!

C. E.



Das marcas mais conhecidas
São estas que causam fé:
As mais fortes, mais queridas,
São marcas *Renault e Berliet*

São os melhores da praça!
Pasmem todos! Vejam só!
Pois custam quasi de graça
Os autos *Berliet e Renault*.

Pedidos: CASA ANTUNES DOS SANTOS - Rua Direita N. 41

Banco de Credito Hypothecario e Agricola do Estado de S. Paulo

LOCAÇÃO DE COFRES-FORTES

O Banco de Credito Hypothecario e Agricola, do Estado de S. Paulo, tem a disposição do Commercio e do Publico, compartimentos de cofres fortes para a guarda de objectos preciosos, titulos, dinheiro, papeis de valores, joias, etc.

A construcção destes Compartimentos fechados em cofres fortes de 2 m 34 x 1 m 69 x 0, m 75 construidos pela grande casa «Fichet» de Paris, é identica á dos grandes estabelecimentos do mundo.

Esses compartimentos fecham-se por meio de uma fechadura de toda segurança com chaves espezias e chaves de contrôle que exige sempre a dupla intervenção do locatario e do Banco para a abertura ou fechamento do compartimento.

Cada compartimento tem seu segredo Systema de combinação «Fichet» com tres botões que permite formar um segredo que annulla completamente o uso da chave de abertura a vontade do possuidor do compartimento.

Este systema de combinações «Fichet» é o mesmo adoptado em geral em todos os grandes estabelecimentos da França.

Os cofres de locação acham-se depositados na caixa forte situada no sub-solo do Banco, e a sua construcção garante a mais completa segurança.

A caixa forte acha-se aberta á disposição do Publico das 9 1/2 ás 17 horas, todos os dias uteis.

A tabella de locação dos compartimentos de cofres fortes é a seguinte:

	Dimensões		PREÇOS		
	Profundidade 0,50				
	Altura	Largura	3 mezes	6 mezes	1 anno
Modelo n. 1	0,13	0,25	15\$000	25\$000	40\$000
» 2	0,20	0,25	18\$000	30\$000	50\$000
» 3	0,25	0,25	20\$000	35\$000	60\$000
» 4	0,25	0,51	40\$000	70\$000	120\$000
» 5	0,50	0,25	40\$000	70\$000	120\$000
» 6	0,50	0,51	80\$000	140\$000	240\$000

nimi-
e, se-
tados
te se
trado

s pro-
com
Elle
elle
todos

panha
ltista.
essoas
feito
or do

é uma.

bene-
eis, de
as — é
tor da
da po-
los que
eros os
Baçu
rada e

gos in-
oralizar
ua pre-
falsos

r e pai-
Baçu,
quivoco
allivio
har!
C. E.

Companhia Cinematographica Brasileira

SOCIEDADE ANONYMA

Capital realizado Rs. 4.000:000\$000 == Fundo de reserva Rs. 1.080:000\$000

THEATROS

São Paulo

BIJOU THEATRE
BIJOU-SALON
IRIS-THEATRE
RADIUM-CINEMA
CHANTECLER-THEATRE

THEATRO SÃO PAULO
IDEAL CINEMA
THEATRO COLOMBO
COLYSEU DOS CAMPOS ELYSEOS
SMART CINEMA

Rio de Janeiro

CINEMA-PATHE'
CINEMA-ODEON
CINEMA-AVENIDA
THEATRO SÃO PEDRO DE ALCANTARA

EM NICTHEROY:
EDEN-CINEMA

BELLO HORIZONTE: CINEMA-COMMERCIO □ □ JUIZ DE FÓRA: POLYTHEAMA

Santos

COLYSEU SANTISTA
THEATRO GUARANY

EM SOCIEDADE COM A EMPREZA THEATRAL BRASILEIRA

THEATROS

POLYTHEAMA, S. Paulo — THEATRO S. JOSE', S. Paulo — PALACE THEATRE, Rio de Janeiro

Em combinação com diversos Theatros da America do Sul

Representantes dos Cinematographos e Accessorios PATHE' FRÉRES. Exclusividade para todo o Brasil dos films das mais importantes Fabricas do Mundo.

Agentes Geraes dos Motores Industriaes a Gazolina, Alcool e Kerozene

ASTER de DION, BOUTON & GREI

Importação directa dos Films das mais importantes Fabricas

NORDISK, AMBROSIO. ITALIA, PHAROS

BIOSCOPI, SELIG, NESTER, DURKS e todos os films de successo editados no Mundo Cinematographico.

A maior e mais importante das Empresas Cinematographicas da «AMERICA DO SUL» e possuidora dos mais luxuosos Salões de exhibições de

==== SÃO PAULO, RIO, SANTOS, BELLO HORIZONTE, JUIZ DE FÓRA ====

Exclusivamente para todo o BRASIL os films das principaes fabricas do mundo!!!

36 marcas... 70 novidades por semana.

Stock de fitas, 6.000.000 de metros. Compras mensaes, 250.000 metros.

Unica depositaria dos celebres Apparelhos PATHÉ FRÉRES. Cinemas KOKS proprios para Salões em casa de Familias.

==== Alugam-se e fazem-se contractos de fitas ====

Séde em S. PAULO - RUA BRIGADEIRO TOBIAS, 52

Succursal no Rio: RUA S. JOSE' 112

Agencias em todos os Estados do Brasil